



## CIDADE, GÊNERO E SEXUALIDADES: A EXPERIÊNCIA TRAVESTI

Joseli Maria Silva<sup>1</sup>  
Marcio Jose Ornat<sup>2</sup>

### *Vivências travestis e as escalas urbanas interditas*

Os corpos que não se encaixam na matriz heteronormativa organizadora da inteligibilidade da realidade socioespacial são considerados “abjetos”. Esta expressão de Judith Butler contida na entrevista realizada por Prins e Meijer (2002, p. 161) define corpos “cujas vidas não são consideradas 'vidas' e cuja materialidade é entendida como 'não importante'”. O fato da existência de seres humanos ocorrer através de corpos considerados abjetos, não quer dizer que não possuam uma existência concreta, que suas histórias de vida e ações não façam parte do espaço urbano.

Duncan (1990) argumenta em “*The city as text*” que a paisagem urbana é um sistema de significados, depositária e transmissora de informações, tal qual a linguagem expressa em textos escritos. A “paisagem/texto” é um discurso, uma estrutura social de inteligibilidade dentro da qual todas as práticas são comunicadas, negociadas e desafiadas. Cada grupo social interpreta o texto urbano de forma diferente, ao mesmo tempo em que o produz, de forma simultânea. As inter-relações de textos que se entrecruzam, instituintes e instituídos da “cidade texto” são as “intertextualidades”. Assim, mesmo os corpos considerados abjetos tecem seus próprios textos urbanos, como as travestis, foco deste estudo que resgataram em suas memórias as experiências espaciais que subvertem a ordem hegemônica que nega sua existência.

A análise das vinte e uma entrevistas realizadas com o grupo das travestis, que retiraram seu sustento da atividade da prostituição evidencia um conjunto de 906 evocações referentes às suas relações socioespaciais que podem ser reunidas em quatro conjuntos: o território da prostituição com 58% das evocações, a casa com 17%, a cidade com 11% e outras espacialidades que reuniu 14% das evocações, sendo que esta última categoria não caracteriza uma tendência que possa ser reunida num único eixo de análise discursiva.

A casa é uma espacialidade rememorada das vivências infantis, adolescentes e adultas. Do total de evocações referentes à casa, 50% relaciona-se aos dois primeiros períodos de vida e os outros 50% relaciona-se à vida adulta. A espacialidade da casa compõe as relações do núcleo

---

<sup>1</sup> Doutora em Geografia. [joseli.genero@gmail.com](mailto:joseli.genero@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em Geografia. [geogenero@gmail.com](mailto:geogenero@gmail.com)



familiar próximo como mães, pais, irmãos e também de familiares mais distantes. É também na espacialidade da casa que são vivenciados os primeiros sentimentos de diferença em relação aos outros, que marcarão a identidade das travestis. No ambiente privado a travesti resgata também as vivências afetivas com companheiros e maridos.

A casa é uma espacialidade rememorada na infância compondo as relações materna e paterna. As vivências da relação paterna são significativas na fase de infância e adolescência e em geral, ela é o marco mais importante da deflagração dos conflitos em torno das exigências do exercício da masculinidade e das práticas de agressão física e psicológica. São comuns os relatos de violência física e inclusive sexual, culminando com a expulsão da travesti do convívio familiar. O relato que se segue é expressivo do padrão de relações paternas evidenciado no grupo:

Ele chegou bêbado em casa, e falou para mim assim, que se eu era travesti, que se eu era bicha, ele não aceitava viado na família. E daí ele falou que se eu gostava disso, então tá a minha rola para você chupar, tirando o pênis para a fora. Daí eu falei: não pai, eu não quero. Então vou levar você pra ganhar dinheiro com os meus amigos. Daí eu falei: não pai, imagina. Eu tinha onze para doze anos. (...) Ele pegou uma mochilinha que eu tinha da escola, pequenininha assim. Colocou uma calça jeans, uma camiseta, uma jaqueta daquela jeans também e falou para mim: pode ir embora. Daí eu falei que ia levar mais roupas. Ele falou que eu não ia levar roupa nenhuma e se quer roupa, compre! Isso aconteceu de madrugada. Disse: pode ir embora. Daí eu comecei a sair de casa chorando, eu tinha onze anos. Daí eu comecei a olhar para trás. Daí ele falou assim: não olhe para trás que eu te arrevento na porrada! (...) E daí fiquei largada na rua (...). (Entrevista realizada com Eirene em 03.04.2007)<sup>3</sup>.

As evocações das experiências maternas vinculadas às memórias espaciais da casa estão presentes, na maioria das vezes, ao longo da vida. O vínculo materno, embora conflituoso, mesclado pelo paradoxo da aceitação e rejeição é mais estável e permanente do que a relação paterna. Mesmo que a relação não seja completamente positiva, há um esforço de busca deste vínculo e há também casos em que é a mãe, apesar de não aceitar, que apoia as opções da sexualidade vivenciada pela travesti.

A espacialidade da casa é resgatada também nas primeiras percepções de suas diferenças em relação às crianças com quem conviveram. O exercício das brincadeiras masculinas são, em geral, rejeitadas e esse fato é motivo de questionamentos e conflitos internos que geram sofrimentos porque não correspondem às expectativas familiares e sociais das normas de gênero hegemônicas, conforme o relato que segue:

Que eu tenho lembrança dos meus cinco anos em diante, dos seis, sete anos de idade em diante eu já sabia que eu era diferente. Sabia que eu gostava de homem, que eu sentia atração, porque quem é assim já sabe(...). já ficava imaginando o melhor amigo, sempre o melhor amigo, acho que já fazia questão de ficar mais próximo por isso. Mas em relação ao meu corpo, com doze anos eu fui ver que eu era diferente, que o meu corpo era diferente. (Entrevista realizada com Nike em 01.02.2007).

---

<sup>3</sup> Todos os nomes utilizados são fictícios



A relação com o(a) companheiro(a) é a mais intensiva evocação das experiências espaciais relacionadas à casa. Tal relação está sempre relacionada a uma oposição às práticas espaciais vivenciadas no território da prostituição e há uma busca do exercício dos papéis de gênero tradicionalmente verificados nos casamentos convencionais, com algumas singularidades. As oposições entre as experiências vividas em casa e no território da prostituição se dão em torno das relações sexuais, afetividade e fidelidade. As travestis apontam a fidelidade como um componente fundamental da experiência da conjugalidade. Contudo, a fidelidade exigida está estabelecida por regras próprias contratadas na casa para conciliar a atividade de prostituição vivida pelas travestis. As normas evocadas no discurso é o veto da realização da atividade de prostituição em casa, atribuindo à casa um valor de respeito à relação com o(a) companheiro(a), a negação do beijo na boca e a regulação do prazer da travesti no ato sexual exercido na prostituição.

Mesmo quando as conjugalidades se dão de formas distintas, uma travesti vivendo com um homem ou uma mulher, os papéis definidos se dão pelo “outro” da relação. Podem ser encontrados os gêneros performáticos mais convencionais da sociedade heteronormativa, sendo vividos e desejados de forma intensa por estes seres transgressores da linearidade sexo-gênero-desejo. Os elementos comuns no discurso das travestis são também oposicionais: homem provedor, travesti mantenedora do bem estar da casa. Homem ativo na relação sexual e travesti passiva, assim como uma certa necessidade de optar pela vida de prostituta ou de dona de casa e esposa. Contudo, estas mesmas normas não são obedecidas quando a travesti é casada com uma mulher, já que a esta travesti será conferido o status masculino, mesmo que ela esteja identificada com o gênero feminino em sua estilística corporal.

A cidade categoria cidade é resgatada como elemento constituinte da adolescência e da vida adulta das travestis e é através dela que trazem três eixos discursivos, a conformação do ser travesti, através de sua auto-imagem relacionada ao sentimento de diferença dos outros e o exercício da prostituição.

As relações que foram apontadas pelas falas das travestis, que se relacionavam à espacialidade da cidade, ou ao espaço urbano, em sua maioria tinham referência à fase adulta, com 82 % das evocações, a fase da adolescência com 17% e a infância com 1% das evocações.

As principais evocações para descrever o ser travesti são a batalha, coragem e o uso do silicone, que é central em sua vida pois, é através dele que ela alcança as formas desejadas do corpo feminino. As travestis se auto-definem como indivíduos que possuem a força masculina com a fragilidade feminina. Elas buscam a inteligibilidade de si mesmas a partir de explicações em duas



direções. Uma delas é através de argumentos médicos e biológicos, relacionados ao fato do corpo das travestis possuírem maior quantidade de hormônios femininos do que masculinos. A outra forma de explicar sua existência é através da divinização do ser travesti, através de sua associação com anjos, sem sexo definido, ou ainda, uma alma feminina aprisionada em um corpo masculino.

### *Da interdição à instituição do território*

As experiências espaciais compartilhadas pelo grupo são marcadas pelo abandono, percepção da diferenciação em relação aos demais meninos na infância e adolescência e exclusão socioespacial. Paradoxalmente, estes elementos acionados nas conversas entre elas, se constituem em processos de identificação entre iguais e, assim, criam laços que se fortalecem na formação de territórios. É o compartilhamento de sofridas experiências socioespaciais que promovem processos de identificação que confluem para um espaço que se torna território. É a vivência do território, instituído por normas e comportamentos convencionados dos corpos, que as travestis produzem suas identidades e conseguem fazer frente aos outros grupos sociais.

O território é uma espacialidade fundante da vida adulta da travesti. Esta espacialidade é evocada somente relacionada à vida adulta e está relacionada aos seguintes eixos discursivos: prostituição e controle do território. O controle do território pressupõe uma certa união das travestis envolvidas com a atividade da prostituição, na reprodução cotidiana do território, colocado no espaço urbano como elemento contraditório / complementar à heteronormatividade.

Os elementos componentes do território da prostituição travesti são complexos e paradoxais. A violência é um componente fundamental, contudo, o território é construído também pelas afetividades, tornando-se a possibilidade de vivências e disputas que ultrapassam as concorrências puramente econômicas de locais que possibilitam maiores ou menores rendimentos financeiros.

A aceitação de uma nova participação na vivência do território da prostituição travesti se dá através de uma espécie de ritual de passagem estabelecido pelas travestis mais antigas na apropriação territorial. Ao lado da violência, há a exigência da humildade, da honestidade, do reconhecimento da superioridade das 'mais antigas'. A resistência nesta conjuntura demonstra a vontade, a resignação e a aceitação das normas convencionadas no grupo das travestis, possibilitando a participação das/nas dinâmicas territoriais.

O primeiro ato que demonstra a intenção de participar do território é a permanência da travesti em algum local da área reconhecida como território de prostituição. A área reconhecida como espaço dominado pelo grupo possui algumas características que são importantes para que as



práticas possam se desenvolver. Elege-se um local de grande tráfico de veículos, onde a passagem de famílias não seja comum, em geral, zonas comerciais e de serviços pesados. Esse tipo de local é considerado discreto porque durante a noite só frequenta a área, quem está disposto a participar das relações que ali se estabelecem, em geral homens. A procura pela discríção deve-se ao fato da necessidade das travestis exercitarem a exposição dos corpos, seus atributos físicos diferenciais e as expressões dos estilos e gestuais que atraem os possíveis clientes. Além disso, próximo à área de exposição, há uma área com menor iluminação, onde o programa sexual pode ser contratado.

Ocupar uma posição nas relações territoriais depende das estratégias da travesti recém-chegada em reconhecer os códigos grupais e resistir ao ritual de passagem, como pode ser visto no relato que se segue.

Eu vou ficar e pronto. Se a bicha for forte, tiver peito para ficar, coragem para ficar, ela fica. Agora se ela não tiver, dá pancadaria. Porque tipo assim, é muito raro quando uma briga de travesti fica só no bate-boca. É muito raro. Normalmente é via de fato. Pelo menos desde a minha época é. É igual o que eu falei para a travesti de fora: você não vai ficar! Se ela reagisse, ela apanharia. Este também é o caso de se a travesti for muito fofoqueira, muito mexeriqueira, ficar colocando uma contra a outra, elas se reúnem e falam: você não fica mais aqui. Existe isso. Mas em matéria de só querer. Se eu não quero que você fique, eu tenho que ter um motivo, eu tenho que ir lá e falar. Se a bicha falar, me tire daqui, daí é pancada. Quem apanhar sai fora. Mas normalmente acaba apanhando, e bem mais tarde acaba voltando, porque dá dó, já apanhou, deixe ela, entendeu. Mas normalmente o controle é feito assim. Eu não sou assim, se eu tocar uma travesti da esquina, ai dela se ela voltar. (Entrevista realizada com Nike em 01.02.2007).

O território estrutura-se de pontos hierarquizados pelas práticas de violência, mas também pela conquista e concentração de elementos considerados fundamentais nas práticas convencionadas pelo grupo, como a beleza, as transformações corporais que ascendem às marcas de feminilidade e também do tempo de apropriação do ponto, chamado por elas de “tempo de batalha”.

A estruturação das relações de poder se faz em um movimento de tensionamento eterno, nos termos utilizados por Foucault (1988). Não existe um poder estático, unidirecional e não contestado pelos seres subordinados a ele. As estratégias de manutenção do território da prostituição se dão também nas relações entre o grupo de travestis, a vizinhança e os clientes, evidenciando, tal qual Rose (1993) que o território é multidimensional, havendo mais de um plano raso de relações a ser analisado. É nos múltiplos planos que os sujeitos, tensionados, se reposicionam espacialmente, podendo ou não constituir territórios.

A relação com os clientes é o elemento fundamental na instituição do território da prostituição, já que sem eles a atividade não ocorreria. A relação entre o cliente e a travesti não é homogênea e unilinear, mas ao envolver a dimensão espacial, pode-se vislumbrar o território paradoxal, proposto por Rose (1993). O território paradoxal é complexo, constituído pela articulação de variadas dimensões. Em cada dimensão ou espacialidade de vivência, a travesti pode



se encontrar em centro ou margem de relações. As plurilocalizações das travestis entre centro e margem das relações de poder podem subverter a ordem de forças entre o grupo das travestis e outros grupos. Assim, o território paradoxal da prostituição travesti, multidimensional, é potencialmente desestabilizador da configuração entre *eu* e *outro*, entre centro e margem, apreendidos como simultaneamente separados e conectados

Numa primeira dimensão do território paradoxal da prostituição, a travesti é a responsável pela determinação das características do contrato de serviços sexuais e, assim, conquista o centro da configuração de poder. Os clientes se colocam na periferia, mesmo que possuam vantagens financeiras. Este sujeito procura a travesti para viver o prazer interdito pela sociedade heteronormativa. Contudo, o deslocamento dos corpos para a realização do programa reposiciona o feixe de relações, colocando a travesti em situação de maior fragilidade em relação ao cliente, sendo comum os relatos de abusos, calotes e violências cometidas pelos clientes. Assim, o território paradoxal é movimento e criação constante.

As falas das travestis demonstram que o território vai além do ganho financeiro obtido com o comércio das práticas sexuais. O território torna-se elemento fundante do ser travesti, evidenciando uma relação de duplo vínculo entre território e sujeito. As evocações realizadas pelas travestis denotam que o território da prostituição se compõe dos seguintes elementos: atividade comercial sexual, aceitação e admiração do ser travesti, aprendizados de práticas convencionadas no grupo e técnicas de transformação do corpo, consumo de drogas e álcool, violência e preconceito.

É a atividade da prostituição a forma quase que exclusiva que a sociedade brasileira aceita para subsistência material das travestis. Nesse sentido, o território da prostituição é contraditório / complementar aos espaços interditados à vivência das travestis como as escolas e locais de trabalho, sendo as práticas sexuais comerciais que instituem o território, seus elementos de reconhecimento e aceitação sociais.

As falas das travestis evidenciam que o território supera a noção de obtenção de subsistência econômica, sendo composto por relações de amizades, redes de sociabilidade através das quais se aprende como ser travesti. Desde as práticas sexuais requisitadas pelos clientes, até os padrões de comportamentos, linguagens, vestuários e gestuais próprios do grupo, como evidenciado no trecho do relato da travesti Afrodite:

Eu aprendi na rua, tudo eu aprendi foi na rua. A minha vida mudou. Tudo, tudo, tudo eu consegui, cirurgia plástica, através da rua. A travesti vira travesti na rua. Como eu falei para você, eu nem sabia que travesti era ativa. Eu fiquei assustada, a primeira vez que eu fiz ativa, eu fiz dando risada. Ele de quatro e eu dando risada. Eu achei que era uma coisa do outro mundo. (Entrevista realizada com Afrodite em 20 e 21.03.2007).



A análise efetivada evidencia que o território pode ser compreendido por um espaço apropriado por um grupo que exerce a centralidade das relações de poder, ou seja, uma complexa relação existencial que institui sujeitos - espaço – poder e é simultaneamente por eles instituída, através das performances cotidianas. Assim, seguindo os argumentos de Rose (1993) pode-se afirmar que o território é paradoxal, constituído por múltiplas e variadas dimensões e espacialidades do ser travesti, posicionando sujeitos ora no centro, ora na margem de relações de poder, dependendo das marcas que estes corpos carreguem. Um território que se faz da separação / conexão entre eu e outro, entre centro e margem em constante movimento, possibilitando aos seres abjetos, impróprios e interditados à vivência socioespacial, sob a égide da heteronormatividade, criar resistências e existir através de seus territórios.

### *Bibliografia*

DUNCAN, James Stuart. *The city as text: the politics of landscape interpretation in the Kandyian Kingdom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

PRINS, B.; MEIJER, I. C. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista de Estudos. Feministas*, Florianópolis, v. 10, n.1, p. 155 – 167, 2002.

ROSE, Gillian. *Feminism & Geography: the limits of geographical knowledge*. Cambridge: Polity Press, 1993.